



DESIGNAÇÃO	A GEOPOLÍTICA DA TRANSIÇÃO ENERGÉTICA
DEPARTAMENTO RESPONSÁVEL	DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA GEOGRÁFICA, GEOFÍSICA E ENERGIA
COORDENADOR DO CURSO (C/ REF.ª DE CONTACTOS)	Professor Mário Baptista Coelho
DOCENTES QUE PARTICIPAM NA LECCIONAÇÃO	Professor Mário Baptista Coelho
NÍVEL	Avançado
NÚMERO DE CRÉDITOS	3 ECTS
TOTAL DE HORAS DE LECCIONAÇÃO (PRESENCIAL)	80h
HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO	Pós-laboral (18.30h – 22.30h — com um Intervalo de 20m das 19.20h às 19.40h)
OBJECTIVOS DO CURSO	<p>Parte-se aqui de um dado apriorístico básico — <u>na base das grandes mudanças de paradigma (de cariz tecnológico e/ou sociais), das grandes crises e conflitos, das grandes revoluções e guerras, das grandes crises económicas <u>está sempre a Energia</u> — a Fonte Energética (dominante ou hegemónica) que em cada momento é estruturante. No essencial, o Curso destina-se a ajudar a perceber o que, por norma, é praticamente incompreensível, disperso e caótico. Tentar-se-á tornar minimamente coerente e inteligível um amontoado enorme de dados, informação avulsa e mapas e gráficos de que a Imprensa escrita e digital é hoje pródiga a produzir. A presente <u>Transição Energética</u> (do Petróleo e Fontes associadas — Grande Hídrica e Nuclear — para o Gás Natural + Renováveis) segue, grosso modo, um padrão, um modelo ou uma sequência sinérgica de fases que tendem a repetir, passo a passo, a sequência da <u>Transição Energética anterior</u> (do Carvão para o Petróleo e Fontes Associadas — Grande Hídrica e Nuclear). Ambas as Transições Energéticas geraram (antes) e (hoje) de novo geram <u>uma específica Geo-Política, um específico “Balance of Powers”</u> — que não só a todos condiciona como a todos abre a fantástica oportunidade de escolha múltipla de oportunidades — nas quais nos devemos estrategicamente posicionar. É imensamente estimulante começar a encaixar no sítio certo as peças que vão ocorrendo, saltando ou caindo à nossa frente, e dessa forma o todo começa, de repente, a fazer todo o sentido. Profissionalmente, é fundamental que quem faz o que quer que seja tenha a capacidade para em cada momento se situar na História e no seu contexto envolvente. A tendência hoje é para que todos estejamos completamente perdidos e sem encontrar geo-referências ou qualquer nexo entre aquilo que faz, e o contexto onde se move. Ter um fio condutor que nos posicione (uma espécie de GPS do que vai acontecendo no mundo e de como e onde nele nos posicionamos, a par e passo) é hoje um privilégio, mas absolutamente conquistável. Tentar-se-á dar algumas pistas fundamentais para que cada um o possa no futuro fazer, com agilidade e bom senso (mas sempre psicologicamente pronto para viragens disruptivas), onde estiver e faça o que fizer. E <u>Portugal</u>, colectivamente falando — todos os presentes, mais os passados e ainda os</u></p>



	<p>futuros, agregados numa língua, em mitos e sonhos mais ou menos gastos ou perdidos — deverá também tentar encontrar-se no futuro — improvisando (já que somos tão bons nessa arte) — e assim delinear <u>estratégias nacionais</u> que façam sentido e se ancorem, tanto e tão bem quanto possível, à realidade deste mundo em vertiginosa mutação.</p>
FORMAÇÃO INICIAL RECOMENDADA (OU OBRIGATÓRIA)	<p><u>Obrigatória, nenhuma. Recomendada, quase nenhuma</u> — pois será bem-vindo quem souber de Energia, e quiser completar os seus conhecimentos técnicos com o enquadramento histórico e conceptual adequado. Mas também o contrário, quem tiver conhecimentos históricos (essencialmente século XX, mas também um pouco da 2ª metade do século XIX) e quiser articular esses seus conhecimentos com as sucessivas Transições Energéticas já ocorridas, mas também a que está actualmente em curso — descobrindo uma infinidade de interações fundamentais e muito clarificadoras. Uma formação em Engenharias, mas também em História, em Economia ou Ciência Política ou Relações Internacionais, ou mesmo Sociologia, poderão ser aqui muito interessantes — para o próprio e para os restantes Mestrados.</p>
PROGRAMA	<p>Ver sinopse abaixo.</p>
BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA	<p><u>Não há neste Curso Bibliografia recomendada.</u> As temáticas abordadas são tantas e tão dispares que dificilmente são compagináveis com qualquer tipo de Bibliografia recomendável. E a verdade é que muito dificilmente o docente se revê numa específica obra de referência. Qualquer bom livro de História Geral dos últimos 150 anos poderá dar o enquadramento adequado e útil. Por outro lado, qualquer livro de iniciação às Energias Renováveis, e bem assim sobre Petróleo e Gás Natural será útil — nem que seja para que o aluno melhor e mais naturalmente se situe nas problemáticas focadas. Ter um acesso imediato (inclusive via Internet) a um Atlas físico, político e/ou histórico, poderá ajudar e muito — mesmo que esteja sempre pendurado na sala de aula um Mapa Político.</p>
MÉTODOS DE ENSINO	<p>No essencial, o Docente fará diariamente a exposição dos temas em causa durante <u>3h e ½</u>, com recurso tão frequente quanto possível a mapas, de forma a que os Alunos se habituem a visualizar geograficamente, e de forma quase automática, os temas abordados. Ao longo das aulas os Alunos poderão intervir a qualquer altura, contudo terão, todos os dias, a <u>última ½ h</u> totalmente destinada a discutir qualquer tema que queiram questionar ou aprofundar. Nessa ½ h os alunos serão incentivados a questionar-se entre si e confrontarem as ideias e os argumentos apresentados por cada um dos colegas.</p>
MÉTODOS DE AVALIAÇÃO	<p>A Avaliação será feita através de um <u>Trabalho escrito individual</u>, com cerca de <u>20 folhas</u>, sob um tema proposto pelo Aluno e previamente acordado com o Docente. O tema deve ser refletido e procurado ao longo das aulas e, na 5ª (e última) semana, será feita a escolha definitiva por cada aluno, e a cada um serão dadas pistas e sugestões de abordagem do tema escolhido. Terão 15 dias para preparar o Relatório (a que irá corresponder 60% da classificação</p>



	final) referente ao tema escolhido e, no final, será organizada uma sessão para cada um poder <u>apresentar perante os colegas</u> — <u>oralmente e sem recurso a qualquer apoio</u> (documental ou informático) — o trabalho realizado. A esta apresentação oral corresponderá 30% da classificação final. À Assiduidade às aulas, e à sua prestação habitual nestas, caberá ainda 10% dessa mesma classificação final.						
LÍNGUA DE ENSINO	Português						
E-MAIL DE CONTACTO:	ramarcal@fc.ul.pt						
PROPINA DE INSCRIÇÃO PROPOSTA	Não						
Nº MÍNIMO DE PARTICIPANTES	10						
Nº MÁXIMO DE PARTICIPANTES	20						
MODO E DATAS DE CANDIDATURA	Candidatura por e-mail, até 31 de Maio						
DATAS DE FUNCIONAMENTO	De 8 de Junho a 9 de Julho, de segunda a quinta feiras, 4h por dia, 4 dias por semana						
MODOS DE CERTIFICAÇÃO	<table border="1"><tr><td>Presença</td><td><input type="checkbox"/></td></tr><tr><td>Conclusão com aprovação</td><td><input type="checkbox"/></td></tr><tr><td>Conclusão com classificação</td><td><input checked="" type="checkbox"/></td></tr></table>	Presença	<input type="checkbox"/>	Conclusão com aprovação	<input type="checkbox"/>	Conclusão com classificação	<input checked="" type="checkbox"/>
Presença	<input type="checkbox"/>						
Conclusão com aprovação	<input type="checkbox"/>						
Conclusão com classificação	<input checked="" type="checkbox"/>						
NECESSIDADES DE FUNCIONAMENTO PARA ANÁLISE FINANCEIRA DESCRIMINE, COM O MAIOR DETALHE, AS NECESSIDADES DE FUNCIONAMENTO DESTE CURSO, TENDO EM ATENÇÃO, DESIGNADAMENTE, TIPO DE DIVULGAÇÃO, PRODUÇÃO DE DOCUMENTOS, MATERIAL DE APOIO, SALAS, EQUIPAMENTOS, ... DESCREVA TAMBÉM OS CUSTOS PREVISTOS COM FORMADORES EXTERNOS À FCUL E, CASO SE APLIQUE, COM PESSOAL TÉCNICO DE APOIO.	Sala com capacidade para 20 pessoas com data-show. Sem outros custos previstos com formadores.						

Mário Baptista Coelho

Nascido em Lisboa a 24/07/1951. Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa [1976]. Investigador na área de Direito do Mar, na Faculdade de Direito da Universidade de Bolonha [1977/78]. Investigador no I.U.E. - *Istituto Universitario Europeo* de Florença (Departamento de Ciências Políticas e Sociais) [1978-1980 e 1982]. Investigador na L.S.E. – *London School of Economics and Political Science* [1981]. Investigador no *Institut für Zeitgeschichte* da Universidade de Viena [1983].

Membro da Direcção do Centro Nacional de Cultura [1986]. Membro do Conselho Coordenador da SEDES [1989-1991] e seu Secretário-Geral (1991-1993). Assessor para os Assuntos de Ambiente do Presidente da República Mário Soares [1989-96]. Consultor para os Assuntos do Ambiente do Presidente da República Jorge Sampaio [1996-2000]. Assistente Pessoal do Presidente da CMIO - *Comissão Mundial Independente sobre os Oceanos* [1996-2000]. Membro do CNADS - *Conselho Nacional do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável* [1998-2001].

Professor Auxiliar no Departamento de Relações Internacionais da UAL – Universidade Autónoma de Lisboa — onde leccionou “Zonas de Crise e Confronto” [1990-95]. Professor Auxiliar Convidado do Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro — onde leccionou “Relações Internacionais e Políticas de Ambiente” [1995-2001]. Professor Convidado do Centro de Desenvolvimento Sustentável” da Universidade de Brasília — onde leccionou “Ocean Governance e Rios Internacionais” [1999]. Professor Auxiliar Convidado da FCUL [desde 2001], tendo leccionado várias cadeiras em mestrados do Departamento de Biologia Animal (DBA), do ICAT e essencialmente do DEGGE (de que faz parte) — onde lecciona actualmente “Direito Internacional do Ambiente e da Energia”.

Fundador e CEO da empresa *Renatura* [2001-2007] — promotora da Central Solar Fotovoltaica de Moura, à época a maior central solar do Mundo. Fundador e CEO da empresa *LUZ.ON* (desde 2008) — visando a exportação em larga escala de Energia Solar para Países do Norte da Europa.



CURSO LIVRE

DEGGE
2014/2015

**A GEOPOLÍTICA DA ACTUAL “TRANSIÇÃO
ENERGÉTICA”**

**(DO PETRÓLEO, ACRESCIDO DAS FONTES ASSOCIADAS –
GRANDE HÍDRICA E NUCLEAR – PARA UM NOVO MIX
CENTRADO NO GAS NATURAL E NAS RENOVÁVEIS)**

-X-

**SUAS RAÍZES HISTÓRICAS E
IMPLICAÇÕES GEO-ESTRATÉGICAS,
NOMEADAMENTE PARA PORTUGAL**

Mário Baptista Coelho



ESTRUTURA - SINOPSE

1. O arranque da 1ª REVOLUÇÃO INDUSTRIAL (com a passagem da já milenar Bio-massa ao Carvão) — e suas sucessivas fases. O Carvão e a nova Indústria e Transportes, mas também o Carvão e as Guerras, e a Construção dos Grandes Impérios. O emergir das massas e sua participação crescente na Política. E ainda a Revolução Tecnológica que formatou nos 10 ou 20 anos finais do Século XIX, todo o Século XX.

2. A PRIMEIRA TRANSIÇÃO (do Carvão ao Petróleo, acrescido este da Grande Hídrica e do Nuclear) ao longo da primeira metade do Século XX — de 1905 a 1945 — balizada pela seguinte MATRIZ (que se irá repetir no futuro): (1) começa por uma 1ª Grande Guerra (antecedida de alguns conflitos preparatórios) ainda essencialmente centrada no passado (no Carvão); (2) entra depois num período de Euforia Económica com a desgraça já anunciada; (3) seguido de um inevitável Crash e de uma Grande Depressão e, finalmente, (4) acabando numa 2ª Grande Guerra, toda ela já virada para o domínio dos Recursos do futuro (e, portanto, já centrada no Petróleo e no Nuclear).

3. No Contexto Europeu, a RECONSTRUÇÃO DE UM CONTINENTE quase por completo destruído — sem Infra-estruturas minimamente operacionais e com as Economias destruídas ou então totalmente disfuncionais para a Paz, com as suas Cidades arrasadas, um número imenso de desempregados recém-desmobilizados e a população com fome — foi uma tarefa terrivelmente difícil e muito complexa. Cada uma das novas potências hegemónicas (EUA e URSS) — porque os maiores produtores mundiais de Petróleo — assumiu para si a Reconstrução, “sob tutela e domínio”, de uma metade da Europa. Na metade Ocidental começou o processo de Integração que, em 1992, resultaria na UE. “Revisitamos” hoje, infelizmente, demasiadas de entre as mais marcantes problemáticas da anterior Transição.

4. A actual SEGUNDA TRANSIÇÃO — do Petróleo e fontes associadas (Grande Hídrica e Nuclear) para o Gas Natural, acompanhado do boom das Renováveis. Ela começa de facto apenas em 1990 com a 3ª Crise Petrolífera (Guerra do Golfo), depois da abortada Transição “soft” dos anos 70 — que durou da 1ª Crise Petrolífera de 1973 (Guerra do Yon Kippur) ao final da 2ª Crise Petrolífera, em 1979/1980 (queda do Xá da Pérsia e arranque da Revolução Islâmica) — e após a década de 80, durante a qual o Petróleo foi utilizado com pleno sucesso (pelos EUA e pela Arábia Saudita) como arma de destruição da URSS. Encontrando-nos hoje já na sua última fase (a das Guerras e Conflitos já integralmente virados para o futuro — para o controlo e domínio futuro do Gas Natural e perante o boom das Renováveis).

5. Ainda com referência à SEGUNDA TRANSIÇÃO — importa identificar e caracterizar os seus Elementos Básicos e Fundamentais: (1) A Natureza do Novo *Mix* (Gas Natural e Renováveis + Storage, HVDC e Electrónica) e (2) O próprio Processo de Transição Energética em curso.

6. Síntese da EVOLUÇÃO implacável na escala de descarbonização DOS HIDROCARBONETOS (do Carvão com 75% de Carbono, ao Hidrogénio com zero Carbono, passando pelo Petróleo — com 50%-50% e o Gas Natural — com apenas 25% de Carbono) — caracterizada, contudo, por uma sucessão de Revoluções verdadeiramente Disruptivas. As “Transições Energéticas” numa perspectiva histórica.

7. Retomamos hoje, de forma recorrente, muitas das mais críticas e marcantes problemáticas do passado.



Estamos neste momento a “RE-VISITAR” quer o período de entre-Guerras (Euforia Financeira dos anos 20 e Grande Depressão dos anos 30) quer do imediato pós-II Grande Guerra (Retorno à Energia como “desejável” motor da Integração Europeia) — tal como no imediato pós-Guerra Fria (anos 90 do Século XX) assistimos, atónitos, à desagregação dos espaços multinacionais europeus, à semelhança do ocorrido no imediato pós-I Grande Guerra. E, colectivamente, tendemos a ignorar o facto de estarmos hoje em Guerra — no equivalente à 2ª GG (só para termos uma medida de escala da sua amplitude e implicações).

8. Pistas para um Balanço Geo-estratégico do novo Mix Energético dominante (Gás Natural e Renováveis) — os necessários RE-POSICIONAMENTOS nacionais, regionais e mundiais, face ao afundamento da hegemonia do PETRÓLEO (e, no mundo árabe, do Sunismo, por arrasto) e à emergência de novas potências mundiais no sector do GAS NATURAL (com a clara supremacia, na Região do Golfo, do Xiismo). A nova GEO-ESTRATÉGIA das RENOVÁVEIS, no contexto europeu e global.

9. As FAIXAS SUL e LESTE Islâmicas DO MEDITERRÂNEO — do (1) MAGREB (em estreita mas complexa articulação com a Europa — e em breve grande fornecedor estratégico de Gás Natural e de Renováveis à UE) e do (2) MASHREQ (perante o risco de colapso total, já em drama existencial e em fuga massiva para a Europa), à (3) TURQUIA (à procura do retorno ao seu destino Imperial Otomano e perante um quadro complexo de Alianças estratégicas).

10. Na ZONA DO GOLFO (e com implicações directas em todo o Médio Oriente) a luta de morte entre o Xiismo (com Gás Natural) em alta e o Sunismo (com o Petróleo) em baixa: (4) a ARÁBIA SAUDITA (a balançar-se entre a queda rápida e acentuadamente suicida e, por outro lado, uma híper-racional e oportuna retirada estratégica do Petróleo) e (5) o IRÃO (em rápida e muito positiva evolução — a caminho de uma profunda Reforma Interna e de uma impressionante afirmação na cena Regional e Internacional).

11. A ÍNDIA — o gigante do Índico, ainda muito atrasado neste novo Round — será absolutamente determinante na próxima década de 2020. O seu reposicionamento Internacional terá lugar até ao final da presente década (em simultâneo com o “retorno” do Irão à Geopolítica Regional e Global — seu aliado natural, ambos partilhando o confronto com o Sunismo). A Energia Inteligente e o seu papel crítico no Século XXI. O “salto de rã” da Índia sobre o Gas Natural, até ao (e mergulhando no) HIDROGÉNIO + Renováveis. A Índia e os EUA - numa Parceria (inesperada, nova e muito especial) focada no Nuclear. O retorno possível aos anos 1961-63, com J.K. Galbraith — o Keynesiano autor da “New Frontier” de Kennedy — como Embaixador dos EUA na Índia (fortemente contrário às posições de então de Portugal).

12. O papel crescente da CHINA no Contexto Internacional Energético e seu rápido e muito eficaz ALINHAMENTO ESTRATÉGICO COM O NOVO MODELO (Gás Natural e Renováveis, muito em particular o Solar) e a correspondente Logística (HVDC, Storage e LNG) — emergindo já no horizonte sinais ainda dispersos, mas já inequívocos, de uma clara vontade de hegemonia futura. A CHINA e os EUA numa intensa e renhida disputa pela liderança mundial, mas também, note-se, numa Articulação Complementar e Sinérgica — mas sempre delicada, complexa e cada vez mais contraditória, entre as posições Estratégicas de ambos no Sector Energético — passado, presente e sobretudo futuro. Os pontos de atrito irão num futuro próximo suceder-se e, muito provavelmente, serão cada vez mais graves e dificilmente enquadráveis e/ou conciliáveis.

13. A RÚSSIA perante uns EUA cada vez mais apostados na pura e simples provocação e na destabilização



violenta na Ucrânia (visando o desgaste crescente da situação no terreno) e perante uma UE dividida e muito fragilizada, totalmente vulnerável face à sua dependência energética da Gazprom e, em termos militares, dos EUA. As tentativas de integração da Ucrânia na NATO (objectivo assumido dos EUA e pela actual maioria Ucraniana) e o estreitamento notório das relações dos EUA com o Leste Europeu (independentemente, e mesmo à revelia, da UE). A resposta da Rússia ao avanço dos EUA aponta para a recomposição territorial da ex-URSS (vide a integração da Crimeia e a Guerra na Ucrânia Oriental, e antes delas as 2 anexações já realizadas na Geórgia e a já tão anunciada tensão crescente com os Países Bálticos. O Gás Natural como uma arma privilegiada e a queda e estabilização em baixa do preço do Petróleo — hoje a sua mais premente e mais crítica vulnerabilidade (com os olhos postos no drama dos anos 90).

14. Os EUA e a CRISE FINANCEIRA (isto é, a Crise da Banca norte-americana) que irrompe em pleno pico do preço do Petróleo (2008) — Crise esta intimamente interligada com idêntica Crise da Banca da UE (que, rapidamente, evoluiu para a Crise da Dívida Soberana dos Países mais fracos da Zona Euro), dada a extrema exposição da sua grande Banca à Banca dos EUA e às suas irresponsáveis práticas especulativas. A resposta dos EUA à Crise quase fatal nos seus Sectores Bancário, Segurador, Imobiliário, Automóvel e Energético. De seguida, numa luta sem quartel contra a Rússia (pela via da sublevação e subsequente Golpe de Estado na Ucrânia), visando manter quer a subalternização da Rússia (tal como se caracterizava desde a Implosão da URSS em 1991), quer a expulsão violenta da Gazprom do território da UE — e consequente “libertação” do Mercado Europeu de Gás para uma futura, mas já próxima, importação massiva do Shale Gas dos EUA. O papel instrumental do TTIP é, neste complexo processo, absolutamente fundamental.

15. A TRANSIÇÃO ENERGÉTICA (actualmente em curso) NOS TRÊS PAÍSES-CHAVE DA UNIÃO EUROPEIA — A situação vigente (1) na ALEMANHA (o “phasing out” total do Nuclear e o “Energiewende” - já em pleno curso e com razoável sucesso, mas com toda a Banca dos Laender falida e com a crise estrutural a bater à porta); (2) em FRANÇA (com a redução prevista de 75% para 50% da sua dependência do Nuclear — contudo de muito difícil e duvidosa concretização, sobretudo na dramática situação económica em que, em pleno estado de negação (e desde há muito), se encontra; e (3) no RU (com uma estratégia legislativa notavelmente estável, materializando, no seio de um aparente caos de indefinição, uma Evolução lenta e sem grandes convulsões).

16. A TROICA e os seus Instrumentos — o vergonhoso papel desempenhado pela TROICA — isto é, pela (1) COMISSÃO EUROPEIA, pelo (2) EURO (BCE e EUROGRUPO) e (3) pelo FMI — nos PROCESSOS DE RESGATE da Periferia Europeia Marítima da Eurozona, às ordens e ao serviço dos Países Ricos do Núcleo Central da Europa. Os EUA e o desígnio da neutralização do Euro, desde sempre percebida como um objectivo estratégico e prioritário. A TROICA acelerou e aprofundou — conscientemente, ou de forma cega e estúpida — as clivagens desde sempre existentes na UE (e já claramente abertas em 2008/2009 entre a Europa Ocidental e a de Leste), gerando agora (entre 2010 e 2013) feridas ainda mais profundas entre o Norte e o Sul da Zona Euro — pois agora não são Bancos mas sim os próprios Estados do Norte a impor os Resgates da sua Banca a custas de outros Estados (e de outros contribuintes), precisamente os do Sul: o RU e o resgate à Irlanda e, no âmbito do Euro, o Resgate aos Países do Sul da Europa às mãos dos Estados do Núcleo Central (a Alemanha e os seus fieis aliados — Holanda, Áustria e Finlândia, e até a França — eventualmente sob chantagem).

17. O CENTRO NEVRÁLGICO DA EUROPA (os Pedagogos do Rigor e da Austeridade Expansiva e “Virtuosa”) e a sua extrema e suicida exposição à Crise da Banca de 2007/2008 nos EUA. Face às perdas então sofridas de larguíssimas dezenas de Biliões de Euros, e perante a iminência do colapso dos seus principais Bancos, vira-se à

sua volta em desespero, tentando sacar o que for possível para de alguma forma mitigar as perdas sofridas: FASE 1 — A tentativa frustrada de saque à Islândia (por parte, sobretudo, do RU e da Holanda) ainda nos finais de 2008; FASE 2 — O descalabro total, por eles exclusivamente gerado, em 2008 e 2009, nos Países do Leste Europeu (descapitalizando integralmente os seus Bancos); FASE 3 — O papel decisivo destes Países nos Resgates consumados em 2010, 2011 e 2012 no Arco Periférico Europeu Marítimo. Entretanto, a Guerra pelo Gás Natural no âmbito da Transição Energética está já ao rubro, não apenas no Médio Oriente mas também no próprio Continente Europeu, envolvendo-se nela os EUA e totalmente centrada no ataque à Rússia e, também, nas zonas envolventes a Sul (no Norte de África, no Médio Oriente e no Golfo) — sem que nos dêsemos conta, já está tudo a arder e a saque. A última e definitiva Guerra desta Transição Energética (o equivalente funcional à II GG, na anterior Transição) está já, portanto, em pleno curso. Curiosamente, o Centro das Disputas e Conflitos está a ser sobretudo a Europa, e não a Ásia — como seria expectável. Os Recursos Energéticos da Europa, vitais para si na nova Fase do Modelo Energético (Gás Natural e Renováveis em larga escala, para além de muito Storage e ainda mais Logística — de Gás e de Electricidade) estão, na sua esmagadora maioria, localizados precisamente nas 3 zonas sequencialmente já Intervencionadas. As falsas coincidências da História.

18. FASE 1 do Saque (2008) - á ISLÂNDIA. Caso único entre os resgatados (tendo recebido apoio apenas do FMI — precisamente no seu curto período “quase bom”) de recusa determinante em Resgatar os seus 3 grandes Bancos, deixando-os ir em Bail in — em falência e total perdas para quem então lá estava — essencialmente, Bancos e Fundos especulativos do RU e da Holanda, mas seguramente também da Alemanha. A Islândia, minúscula, passou a ser o exemplo máximo de lucidez, coragem e dignidade em todo este lastimável processo.

19. FASE 2 do Saque (2008/2009) — aos PAÍSES DO LESTE EUROPEU (a Aliança REBLL). Os EUA optaram, no contexto desta Transição Energética, por uma ALIANÇA ESTRATÉGICA COM A EUROPA DE LESTE — no futuro os seus aliados privilegiados na Europa. No confronto com a Rússia, mais fiéis aliados não poderia encontrar — tanto (e com toda a razão) pelo medo atávico da Rússia, como pela sua difusa filiação ideológica pós-comunista. Ao promover o conflito na Ucrânia, os EUA despertam instintivas reacções violentas por parte da Rússia, o que só vem a provar a posteriori a profecia, e a razão de ser do medo. Neste momento já se libertaram os demónios (sobretudo na Polónia e nos Bálticos). Os Países de Leste no momento crítico da verdade, tenderão sempre a ser mais fiéis à NATO e aos EUA que à UE e à Alemanha. Pela via dos Países do Leste Europeu, os EUA estão hoje dentro da UE. Os Países de Leste são, logo em 2008, as primeiras vítimas de um saque do dinheiro da quase totalidade (cerca de 90%) dos seus Bancos (tomados aquando das privatizações pré-adesão à UE, imediatamente após 2000) — a cargo dos Países do Núcleo Central (Alemanha, Áustria, França, Holanda, para além de outros aqui não tão relevantes, como a Suécia, por exemplo, face aos Bálticos), tentando assim compensar as brutais perdas sofridas na Crise de 2008 nos EUA.

20. FASE 3 do Saque (2010/2013) — [A] - aos PAÍSES DO ARCO PERIFÉRICO MARÍTIMO EUROPEU (PIIGS) - da zona fraca do EURO — A Crise Financeira na UE (ou melhor, a CRISE DA BANCA da Alemanha, da França e da Holanda e não, de forma alguma, a mistificação da Crise da Dívida Pública dos resgatados), motivou e justificou o ATAQUE CONCERTADO AO ARCO PERIFÉRICO MARÍTIMO EUROPEU (à Irlanda, à Grécia, a Portugal e ao Chipre, e ainda, mesmo que apenas parcialmente, a Espanha). No imediato pós-2007/2008, a Comissão passou de um primeiro período Keynesiano puro, já chamado de “Keynesian resurgence” (2008/2009) — que levou a um vertiginoso, mas muito oportuno e eventualmente deliberado, agravamento das Dívidas Públicas destes 5 Países, vulnerabilizando-os — depressa descambou para ataques violentíssimos e cirurgicamente selectivos dos “Mercados” — previamente concertados com as Agências de Rating Internacionais (todas elas norte-

americanas) aos quais se sucediam intervenções directas e violentíssimas do EUROGRUPO (desencadeadas internamente pela Alemanha e Países satélites — incluindo neles, numa primeira fase, também a França de Sarkozy), através da TROICA. A Alemanha rodeou-se de um leque de Países ansiosos e agressivos, porque aterrorizados com a perspectiva próxima do seu próprio colapso. A fidelidade destes Países à Alemanha não era sequer ideológica, mas sim baseada no medo e na pura e simples dependência.

21. FASE 3 do Saque (2010/2013) - [B] - aos PAÍSES DO ARCO PERIFÉRICO MARÍTIMO EUROPEU: Os SAQUEADOS (e o porquê da sua escolha) — O ARCO PERIFÉRICO MARÍTIMO EUROPEU esteve sob o ataque cerrado dos Mercados e da Troica (incluindo-se nesta a Comissão Europeia e o BCE, para além do FMI, este a mando, como sempre o foi desde a sua fundação, dos EUA) — sendo sucessivamente massacrados a IRLANDA, a GRÈCIA, PORTUGAL e CHIPRE, e ainda, mesmo que apenas parcialmente e noutra registo Institucionalmente muito mais soft, a ESPANHA). Foram sendo abatidas, uma a uma, sob um pesado silêncio da agora UE e a acção directa do EUROGRUPO. Foi uma cena patética. Apenas o Parlamento Europeu ensaiou balbuciar, entre dentes, alguma insignificante oposição. Sendo o Arco Periférico, precisamente a única zona da UE particularmente rica em reservas de Recursos Energéticos fundamentais para o futuro da Europa (das poucas ou únicas Reservas existentes na Europa, salvo as de Shale sobretudo centradas no Leste) — e isto num momento crítico da última fase da presente Transição.

22. FASE 4 do Saque (2015) — à EUROZONA NO SEU TODO — através (1) da Compra de Activos (Quantitative Easing”) de Dívida Pública; (2) do “Resgate” (Bail out) da Banca dos Países Secundários do seu Núcleo Central — HOLANDA, ÁUSTRIA e FINLÂNDIA, para além (3) da “Protecção Prévia” (o que poderíamos talvez chamar de “Pre-emptive Protection”) da FRANÇA e sobretudo da própria ALEMANHA. O RU teve toda a razão em não ter aderido ao Euro — talvez tenha tido toda a razão pelas más razões, mas teve. A UE vai cada vez mais centrar-se na Zona Euro, quase exclusivamente será nesse contexto de “Cooperação Reforçada” que as decisões fundamentais irão ser tomadas. Do “Quantitative Easing” ao BRRD (Bank Recovery and Resolution Directive) de 1.1.2015 — o passo final para institucionalizar o “Bail in” para os outros — o Núcleo Central — depois de termos sido nós — a Periferia — forçados a “Bail out” a favor do Centro.

23. O caso de PORTUGAL (I) — condenado (apesar de si próprio) a realizar, contra tudo e contra todos, um destino grande na ambição e talvez ainda maior na realização e nas suas implicações globais, sobretudo na Bacia do Atlântico. Mais de 500 anos depois temos o destino a bater-nos de novo à porta, e a exigir ser recebido. Não irá esperar muito e tudo isto não vai ser nada fácil, mas no final vai ser.

24. O caso de PORTUGAL (II) — o necessário balanço estratégico: (1) dos seus surpreendentes Recursos Energéticos de Gas Natural e Petróleo (muitos deles ainda por provar) e de Renováveis — onshore e offshore e efectiva ou apenas potencialmente presentes no território nacional; e (2) das estratégias decisivas para o futuro enquadramento energético de Portugal na Europa e da Europa na Bacia Atlântica, e em directa consequência de ambos, o seu re-posicionamento geo-estratégico como FUTURA POTÊNCIA ENERGÉTICA REGIONAL, de impacto global — nomeadamente na Logística Energética Transatlântica em HVDC e na área dos Novos Materiais Compósitos, associada à dos Moldes.

25. Os Saques e/ou Resgates sucessivos das 3 Fases — (1ª) Islândia, (2ª) Europa de Leste e (3ª) Arco Periférico Marítimo — conduzidos em benefício próprio, e de forma extremamente cínica e violenta, pelo Núcleo duro da UE, terá levado implacavelmente ao COLAPSO DA CONSTRUÇÃO EUROPEIA, e naturalmente das suas

Instituições — a curto ou médio prazo. O surgimento inevitável de uma 4ª Fase (de Resgate da Banca do Núcleo Central, por todos assumido e pago) só poderá acentuar ainda mais a ruptura já instalada. Daí irá decorrer a sua desagregação — através das LINHAS DE RUPTURA introduzidas, precisamente, por essa série perversa de Saques/Resgates.

26. Dentro em breve, e já em plena Pós-Transição, será possível e desejável a consolidação e Reposicionamento estratégico dos Países do ARCO PERIFÉRICO MARÍTIMO EUROPEU num PÓLO ENERGÉTICO AUTÓNOMO numa lógica de construção de uma nova centralidade na BACIA ATLÂNTICA — na prestação de Serviços Energéticos muito qualificados e, entre si, intrinsecamente complementares e sinérgicos. O papel central e de primeira linha (até geograficamente falando) de PORTUGAL no processo complexo de gestão desse Arco Periférico Europeu, e de motor de uma nova dinâmica integrativa de matriz descontínua, fundamentalmente complementar e, note-se, especificamente centrada na área energética e, dentro desta, nas suas componentes estratégicas — com ambições estruturantes na Bacia Atlântica.
